



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## **A imbricação entre comunicação e mundo do trabalho na atividade profissional dos carregadores da CEAGESP<sup>1</sup>**

**Jamir Osvaldo Kinoshita<sup>2</sup>**

**Mestrando em Ciências da Comunicação na ECA-USP e pesquisador do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da ECA-USP**

### **Resumo**

É fato que a comunicação exerce um papel preponderante na constituição do mundo do trabalho. A maneira como se dá a interface desses dois campos é vista tendo como exemplo a atividade profissional dos carregadores que atuam na CEAGESP. Esse artigo traz as primeiras análises, advindas de pesquisa, que se encontra em andamento, realizada na principal unidade de entrepostagem da companhia, que é o Entreposto Terminal São Paulo. Localizado na zona oeste de São Paulo, trata-se da maior central de abastecimento de frutas, legumes, verduras, flores, pescados e diversos (alho, batata, cebola, coco seco e ovos) da América Latina. Para entender a dinâmica de trabalho dos carregadores, promovemos observações de campo e pesquisa exploratória em setores específicos de comercialização. Nossa concepção teórica fundamenta-se nos preceitos marxistas de trabalho e capital, na abordagem ergológica, na análise do discurso, na atividade linguageira e no conceito de mediações.

**Palavras-chave:** comunicação; trabalho; carregadores; CEAGESP.

Este artigo apresenta o resultado parcial da pesquisa de mestrado desenvolvida junto aos carregadores que trabalham na Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP<sup>3</sup>), empresa federal ligada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. A investigação que estamos empreendendo é focada, especificamente, na atividade dos profissionais

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Cultura Empreendedora e Trabalho, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Jornalista e consultor de comunicação, com pós-graduação *lato sensu* em Gestão de Processos Comunicacionais pela ECA-USP. Mestrando em Ciências da Comunicação na ECA-USP e pesquisador do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da ECA-USP. E-mail: kinoshita.jamir@gmail.com.

<sup>3</sup> A CEAGESP surgiu em maio de 1969, a partir da fusão do Centro Estadual de Abastecimento S/A (Ceasa) com a Companhia de Armazéns Gerais de São Paulo (Cagesp). Ela atua em duas atividades: a armazenagem e a entrepostagem (depósito ou venda de mercadorias). Tem a maior rede pública de armazéns, silos (grandes depósitos, em forma de cilindro, para guardar produtos agrícolas) e graneleiros (locais que recebem ou abrigam mercadorias a granel) do Estado de São Paulo, com 18 unidades próprias. Em relação à entrepostagem, conta com 13 centrais atacadistas, que funcionam como ponto de encontro de produtores e comerciantes, sendo a maior delas o Entreposto Terminal São Paulo (ETSP).



que atuam no Entrepasto Terminal São Paulo (ETSP), que é a maior central de abastecimento de frutas, legumes, verduras, flores, pescados e diversos (alho, batata, cebola, coco seco e ovos) da América Latina.

Situado na Vila Leopoldina, na zona oeste da capital paulista, o ETSP recebe uma média diária de 50 mil pessoas e 12 mil veículos. Além de ser o local em que fica a sede administrativa da companhia, é também o espaço de circulação de 3.500 carregadores<sup>4</sup>, cuja força de trabalho é gerida de maneira autônoma – a contratação de cada um deles é tratada diretamente por permissionários ou compradores e o pagamento é realizado no ato, em dinheiro, assim que finalizado o serviço.

Pelas normas internas da CEAGESP, eles respondem pelas operações de carga, descarga e movimentação de mercadorias nas áreas internas de todas as 13 unidades de entrepostagem. Isso inclui a central paulistana, que registra 12 mil toneladas de produtos transportados todos os dias (e madrugadas) por esses trabalhadores.

A maior parte deles é vinculada ao Sindicato dos Carregadores Autônomos em Centrais de Abastecimento do Estado de São Paulo (Sindicar). Com isso, todos têm credencial e uniforme (avental azul escuro ou cinza) com as logomarcas da entidade classista e da CEAGESP.<sup>5</sup> No caso do ETSP, o sindicato dispõe de um imenso galpão em que é guardado o principal instrumento desses profissionais, identificado pela cor cinza e uma numeração própria: são os carrinhos de madeira, capazes de suportar até 300 quilos de carga.<sup>6</sup>

Os carregadores, que “(...) formam um verdadeiro exército de formigas, que percorrem os 700 mil m<sup>2</sup> do entreposto da capital fazendo o interminável serviço de leva-e-traz (...)”<sup>7</sup>, exercem um papel fundamental que extrapola a atividade braçal. Com um jeito todo peculiar de se relacionar e de trabalhar, que temos visto nas nossas observações de campo<sup>8</sup>, eles mantêm interlocução com os mais variados públicos da CEAGESP.

<sup>4</sup> Dados do Departamento de Entrepasto da Capital (DEPEC), que responde pelo gerenciamento do ETSP.

<sup>5</sup> Há carregadores que não são autônomos, mas sim funcionários exclusivos de determinados permissionários. Para se diferenciarem dos profissionais convencionais que atuam no ETSP, eles utilizam carrinhos de cor amarela, que levam o nome da empresa do permissionário. Além disso, não precisam usar nenhum uniforme específico, ao contrário dos que são vinculados ao Sindicar.

<sup>6</sup> Informações obtidas diretamente junto ao próprio Sindicar, em conversa inicial mantida em março de 2017, com a direção, quando da apresentação da pesquisa de mestrado à entidade classista.

<sup>7</sup> **CEAGESP presta homenagem aos carregadores.** Disponível em [www.ceagesp.gov.br](http://www.ceagesp.gov.br). Acesso em 5/2/2018.

<sup>8</sup> As observações de campo fazem parte da pesquisa exploratória que iniciamos no segundo semestre de 2017, com idas periódicas ao ETSP. Até o momento, observamos e anotamos em caderno específico, além de registrar com imagens, a atividade dos carregadores na Feira de Flores, no Pátio do Pescado e no transporte diurno de frutas, verduras e legumes.



A comunicação representa um elemento central e constitutivo desse mundo do trabalho, o que garante, inclusive, o reconhecimento desses trabalhadores junto às mediações estabelecidas dentro do ETSP. Como exemplos, podemos listar a participação na negociação comercial entre permissionários e compradores e a presença nas discussões sobre a inevitável mudança de endereço do entreposto paulistano para outra localidade.<sup>9</sup>

A dimensão social dos carregadores é tamanha nesse *habitat* que uma das primeiras iniciativas de todos os presidentes nomeados<sup>10</sup> da CEAGESP é visitar e conhecer a sede do Sindicar, que é o galpão onde ficam guardados os carrinhos. Mensalmente, a direção sindical promove almoço de confraternização, no próprio espaço, com iguarias típicas do Piauí<sup>11</sup> (buchada, baião de dois e galinhada), em que os principais gestores da empresa são convidados – não há registro de ausência em nenhum desses encontros.

Outra situação que ilustra a força dos profissionais é que a CEAGESP sugeriu, em 2017, a criação do Dia do Carregador, a ser celebrado anualmente em 30 de julho. A proposta foi encaminhada à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, que encampou a ideia e aprovou a sugestão, que acabou transformada na lei estadual 16.552/2017<sup>12</sup>. Há ainda carregadores que disputaram eleições e se tornaram vereadores, exercendo mandato na Câmara Municipal de Osasco, na Grande São Paulo<sup>13</sup>.

## Primeiros passos

<sup>9</sup> A necessidade de mudança se dá por problemas na infraestrutura do ETSP. A alta movimentação diária ocasiona frequentes congestionamentos no tráfego interno e externo, especialmente às segundas e sextas-feiras. Mais de 2.800 permissionários comercializam variados produtos, vindos de 1.500 municípios de 22 estados brasileiros e de outros 19 países – movimentação média de 280 mil toneladas por mês. Criado nos anos 1960, o espaço sofre com o tamanho dos caminhões, já que as ruas dentro do entreposto foram projetadas dentro da realidade da época. Da forma como a área construída (271 mil m<sup>2</sup>) se encontra, não há condição de reforma estrutural que melhore a circulação de veículos.

<sup>10</sup> O cargo é de livre provimento e a contratação segue os princípios previstos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

<sup>11</sup> Segundo o Sindicar, cerca de 70% dos carregadores vinculados à entidade são do Piauí. A representatividade está relacionada diretamente ao fundador do sindicato. Natural de Pio IX, o piauiense José Pinheiro de Souza incentivou (e continua incentivando) a vinda de conterrâneos desde que conseguiu consolidar a categoria e criar, em 1990, o Sindicar, onde é presidente ininterruptamente até hoje. Seu Zé Pinheiro, como é mais conhecido, chegou a São Paulo em 1975 para trabalhar no ETSP como carregador no setor de cebola.

<sup>12</sup> Conforme publicação na edição do dia 18/10/2017, seção 1, página 1, do **Diário Oficial do Estado de São Paulo**.

<sup>13</sup> Informação contida em entrevista, realizada em abril de 2017, com um dos diretores do Sindicar, devidamente gravada com autorização pelo pesquisador. De acordo com o dirigente sindical, a atuação política em Osasco acontece pelo fato de que grande parcela dos carregadores reside nesse município, que se situa próximo ao ETSP.



A escolha do nosso objeto de estudo surgiu da observação *in loco* e prática do pesquisador em questão, que trabalhou na Coordenadoria de Comunicação e Marketing (CODCO) da CEAGESP entre janeiro de 2015 e abril de 2016. Nesse período, observou e travou contato com o cotidiano de trabalho dos carregadores. Tal fato refletiu-se na decisão inicial de não nos identificarmos junto aos interlocutores envolvidos na investigação. A finalidade foi evitar que se estabelecesse uma postura próxima a dados e visões já pré-concebidos, que viessem conferir uma pretensa (e falsa) autenticidade aos fatos levantados.

Importante esclarecer que a medida não implica na obrigatoriedade de deixar de lado noções adquiridas na prática em favor de uma imersão no trabalho científico. Afinal, “(...) a prática não necessariamente precisa estar dissociada da teoria, ou seja, teoria e prática podem andar juntas servindo como complemento uma da outra.”<sup>14</sup> Na pesquisa, representou um zelo maior, seguindo a lógica de Pierre Bourdieu, que aponta ser necessário o trabalho de campo deixar ao máximo invisível a figura do cientista enquanto intervenção viciada de uma suposta observação científica.

O sociólogo pode obter do pesquisado mais distanciado de si socialmente que ele se sinta legitimado a ser o que ele é se ele sabe se manifestar, pelo tom e especialmente pelo conteúdo de suas perguntas as quais, sem fingir anular a distância social que o separa de si (diferente da visão populista que tem como ponto cego seu próprio ponto de vista), ele é capaz de se colocar em seu lugar em pensamento.<sup>15</sup>

Assim, mantivemos o sigilo nos contatos com o Sindicato dos Permissionários em Centrais de Abastecimento de Alimentos do Estado de São Paulo (Sincaesp) e o Departamento de Entrepasto da Capital (DEPEC), que representa a voz oficial da CEAGESP. As exceções foram o Sindicar, entidade-chave para nosso estudo, e a CODCO, que já conhecia o pesquisador e para quem solicitamos autorização de acesso aos espaços observados. Apenas nas últimas visitas promovidas é que resolvemos pedir permissão formal ao DEPEC, que tem sido devidamente concedida. A intenção, nesse caso, é tornar oficiais e consentidas a produção de imagens nas dependências do ETSP, tendo em vista a realização de entrevistas com os carregadores.

## Observação de campo e pesquisa exploratória

<sup>14</sup> ISER, Fabiana. *Pesquisa exploratória: a relevância da aproximação empírica para as definições da pesquisa*. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação** – Olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006, p.193.

<sup>15</sup> BOURDIEU, Pierre. *Compreender*. In: BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1998, p.699.



Com base em comentários coletados em entrevista inicial feita com um dos diretores do Sindicar é que decidimos partir para a observação de campo da categoria, baseada nos tipos de mercadorias transportadas: flores, peixe e frutas/legumes/verduras. Para cada um desses produtos há uma técnica específica de carregamento, usada de maneira sistematicamente prática e, muitas vezes, sem a devida percepção por parte do próprio carregador, mas que pode se tornar um diferencial na hora de se contratar um profissional. Decidimos começar a tarefa pelas operações na Feira de Flores e no Pátio do Pescado, que ocorrem de madrugada.

(...) a observação, enquanto procedimento de pesquisa qualitativa, implica a atividade de um pesquisador que observa pessoalmente e de maneira prolongada situações e comportamentos pelos quais se interessa, sem reduzir-se a conhecê-los somente por meio das categorias utilizadas por aqueles que vivem essas situações. (...) uma observação não-dirigida, na medida em que a observação da realidade continua sendo o objetivo final e, habitualmente, o pesquisador não intervém na situação observada.<sup>16</sup>

Constatamos, de fato, características e técnicas específicas de trabalho nesses dois locais. Na Feira de Flores, atuam os profissionais mais idosos, que têm maior delicadeza para lidar com esse produto. Soma-se a isso também o fato do peso transportado ser um pouco mais leve do que a locomoção convencional de outros tipos de produtos. Em relação ao pescado, o carregamento demanda cuidado extremo, já que os peixes e frutos do mar são levados em grandes quantidades e em enormes vasilhas de plástico ou de isopor abertas e cobertas com gelo.

A observação de campo teve início no segundo semestre de 2017, sendo mais intensificada entre janeiro e março de 2018. Em todas as ocasiões, conforme já mencionamos, houve registros de imagens, de forma discreta, que demonstram o cotidiano de trabalho dos carregadores. Procurou-se, ainda, ouvir, de maneira indireta, os comentários dos próprios profissionais acerca de sua atividade.

As recusas do Sincaesp e do DEPEC em participarem da nossa investigação, somado ao temor de ficarmos restritos exclusivamente à visão dos dirigentes do Sindicar, reforçaram ainda mais a necessidade da observação de campo como forma para se realizar uma pesquisa exploratória.

(...) a pesquisa exploratória é um movimento fundamental. A aproximação empírica ao fenômeno estudado permite divisar especificidades do que se investiga, o que traz desdobramentos em termos do refinamento/redefinição do problema, de tensionamento das proposições teóricas e de sua delicada construção para a especificidade do problema investigado. Esse procedimento também

<sup>16</sup> POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa** – Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008, p.255.



possibilita gerar elementos para embasar as opções referentes à amostragem da pesquisa e à definição por procedimentos de coleta de dados.<sup>17</sup>

Foi com base na observação *in loco* do ofício cotidiano dos carregadores que conseguimos estabelecer critérios para o desenvolvimento da pesquisa e, especificamente, para a análise inicial que ora apresentamos nesse artigo. É fato que tal método serviu, decisivamente, para sistematizar e reordenar nossos passos até a fase em que nos encontramos.

### Breves considerações sobre o mundo do trabalho

Com o que temos visto, sentimos a necessidade de ponderar a respeito das mudanças ocorridas no mundo do trabalho, colocando sempre em primeiro plano o indivíduo que trabalha, e não o homem como coadjuvante do processo laboral. Faz-se necessário, ainda, depreender que trabalho é esse gerado nos dias atuais e para qual perfil humano. Segundo Harry Braverman, a atividade laboral executada pelas pessoas é regulada pelo pensamento conceitual, sendo uma propriedade inalienável do indivíduo<sup>18</sup>.

Para o capital é conveniente deter o controle sobre o método de trabalho, usurpando isso de quem efetivamente trabalha. De acordo com Braverman, o que era uma alienação dos processos de produção do trabalhador passa agora a ser tratado, pela perspectiva capitalista, como uma questão de procedimentos gerenciais. Isso serve para estruturar o que Ricardo Antunes denomina de sistema de metabolismo social do capital, que é o resultado da divisão que subjugou o trabalho ao capital.<sup>19</sup>

No caso dos carregadores, temos procurado verificar que atividade é essa constituída no ETSP, qual é o seu valor e quem é o sujeito que se forma a partir dessa relação de trabalho. Na visão de Marx e Engels, a realidade deve ser entendida à luz da história da divisão do trabalho e do desenvolvimento das forças produtivas.<sup>20</sup> Assim, o trabalho vira mercadoria e tem um valor de uso.

As pessoas que vendem sua força de trabalho representam uma categoria em cujo núcleo central se localizam os trabalhadores produtivos. É a “classe-que-vive-do-trabalho”, definição formulada por Ricardo Antunes, que “(...) não se restringe, portanto, ao trabalho manual direto, mas

<sup>17</sup> BONIN, Jiani Adriana. *Nos bastidores da pesquisa*: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação** – Olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006, p.28.

<sup>18</sup> BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p.58.

<sup>19</sup> ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho** – Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001, pp. 19-23.

<sup>20</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007, p.15.



incorpora a totalidade do trabalho coletivo assalariado.”<sup>21</sup> Também pertencem a essa classe aqueles em que, “(...) segundo Marx, o trabalho é consumido como valor de uso e não como trabalho que cria valor de troca.”<sup>22</sup>

O autor considera que “(...) todo trabalhador produtivo é assalariado e nem todo trabalhador assalariado é produtivo”<sup>23</sup> para melhor compreender o que é a classe trabalhadora no cenário atual. As mudanças históricas na divisão do trabalho têm como consequência a diminuição do “(...) trabalhador industrial, fabril, tradicional, manual, estável e especializado”<sup>24</sup> e a multiplicação do trabalho precarizado, resultado direto do desemprego estrutural e da crise do capital.

As novas configurações do trabalho são desafiadoras para verificarmos como são gerados o valor do trabalho e a expropriação da mais-valia pelo capital. O trabalho não remunerado tem impacto no trabalho remunerado e ambos estão envolvidos, cada vez mais, em um sistema complexo de geração de valor. É preciso entender o mundo do trabalho para apreender as mudanças na sociedade, ainda mais em face do *modus operandi* capitalista que busca ocultar a luta de classes e continuar com a (re)produção de uma sociedade com cada vez menos sentido. Em relação aos carregadores, é perceptível a atualidade da visão marxista sobre sua atividade, haja vista o reconhecimento dessa força de trabalho, conforme mencionamos.

### O sujeito que trabalha e a ergologia

A prática profissional dos carregadores é que lhes permite se inserirem socialmente como sujeitos. Reconhecer-se e ter a devida noção dessa situação é importante para que eles saibam, inclusive, qual é o seu papel face às alterações trabalhistas e previdenciárias que se consolidam no país. É fundamental, ainda, quando houver a definição da mudança de endereço do ETSP.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos

<sup>21</sup> ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**, p.102.

<sup>22</sup> ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**, p.102.

<sup>23</sup> ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**, p.102.

<sup>24</sup> ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**, p.104.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.<sup>25</sup>

Partindo desse sujeito que trabalha é que chegamos à abordagem ergológica, que mostra que a atividade de trabalho é renormalizadora dos atores sociais e do meio de trabalho. As prescrições, em qualquer atividade, são essenciais para o desenvolvimento do trabalho, mas elas não podem ser um fim em si mesmas. Essa abordagem considera que toda atividade sempre comporta aspectos pessoal, criador, inédito e transformador do mundo.

A percepção ergológica é relevante para se alterar o ponto de vista do trabalho, que não pode estar centrado apenas na mera adaptação do homem às condições que lhe são impostas. É necessária uma interpretação mais geral das situações de trabalho, focando a discussão na atividade de quem trabalha<sup>26</sup>, dando-lhe vez e voz, já que o debate das normas parte da análise das situações concretas de trabalho para confrontá-las com a prescrição e buscar soluções negociadas.

“O trabalho real, na verdade, é o resultado das renormatizações, não da estrita aplicação e execução das normas. Ou, melhor, é a ‘execução’ das normas através das renormatizações.”<sup>27</sup> Essa situação fica muito evidente no ETSP em que percebemos que, para cada setor, os carregadores dispõem de técnicas específicas para lidar com as mercadorias que são transportadas.

É preciso não somente muita força física como também bastante habilidade para carregar quantidades pesadas de produtos. Tudo isso sem atropelar as milhares de pessoas que circulam nos pátios de comercialização nem deixar que as mercadorias transportadas caiam e desviando dos veículos que trafegam nas dependências internas. Dessa forma, puxar e empurrar o carrinho de madeira não é a principal preocupação, mas sim executar a atividade com segurança e agilidade, o que depende da habilidade particular do trabalhador.

Apontar as vicissitudes existentes no mundo do trabalho, descortinando inclusive a percepção entre o que é ideal e o que é possível (e existente) nesse campo, é essencial quando pensamos essa discussão à luz da ergologia, que significa remetemos à noção de “corpo si”, traduzidos pela concepção do “uso de si” (construção de uma consciência individual acerca da atividade laboral desempenhada) e do “uso de si pelos outros” (disponibilização do trabalho individual ao outro).<sup>28</sup> Tal

<sup>25</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p.12.

<sup>26</sup> SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. **Trabalho e ergologia** – Conversas sobre a atividade humana. Rio de Janeiro: Eduff, 2008, p.60.

<sup>27</sup> **Revista Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, volume 4, número 2, 2006, p.462.

<sup>28</sup> **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, p.460.





**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

lógica, no caso dos carregadores, está muito mais focada no “uso de si pelos outros”, já que, aparentemente, verificamos o quanto a atividade deles não é devidamente reconhecida e valorizada nem por permissionários tampouco por compradores.

### O que revela a análise do discurso

A filosofia da linguagem é vital para compreender a própria existência humana. O sistema de signos materializa os conflitos da sociedade e na interação verbal ocorre a produção de sentidos, que gera um espaço de tensão. Só se entende o lugar ocupado por um discurso quando há a confrontação.<sup>29</sup> Todo discurso tem uma forma de identificar com quem se conversa pela materialidade discursiva. Cada visão de mundo se apresenta em um discurso próprio. “Por isso é que o discurso é o espaço da reprodução, do conflito ou da heterogeneidade.”<sup>30</sup>

Destaca-se aqui o papel da ideologia, que é constituída pela realidade e ela mesma constituinte da realidade. Em relação à ideologia do cotidiano, temos todas as contradições da luta de classes. Assim, podemos categorizar o discurso como um conjunto de enunciados marcados por duas formações: a ideológica, que é a visão de mundo voltada a certas condições materiais e de embates entre classes sociais; e a discursiva, que são os temas e figuras que expressam determinada formação ideológica.<sup>31</sup>

A análise do discurso procede à compreensão das relações entre a formação discursiva e a ideológica na construção dos sentidos do discurso. Além disso, é responsável por revelar as vozes dos sujeitos. Aliás, somos sujeitos porque somos seres sociais que interagem por meio da comunicação (a noção do “eu”). Ao nos referirmos à ideia de sujeito, estamos nos atendo ao particular que é constituído socialmente. Nesse sentido, a subjetividade deve ser vista como o resultado da polifonia dos discursos recebidos na formação que circunda esse sujeito<sup>32</sup>.

Daí a importância da análise das entrevistas com os carregadores. Com o embasamento teórico sobre o qual estamos nos apoiando é possível apreender, entre outras descobertas, como a comunicação se constitui em um mecanismo primordial na manutenção das relações desses trabalhadores com os demais interlocutores da CEAGESP. Ela permite ainda verificar como os processos comunicacionais habitam e reconfiguram esse mundo do trabalho.

<sup>29</sup> BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV, Valentin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002, p.46.

<sup>30</sup> FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1998, p.45.

<sup>31</sup> FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**, p.32.

<sup>32</sup> BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso**. São Paulo: Ática, 1995, pp. 22, 57.



## A relevância da atividade linguageira

Segundo Abdallah Nouroudine, a atividade da linguagem ocorre em três vertentes distintas: sobre, como e no trabalho. Tal distinção é relevante para identificação da ligação entre linguagem e trabalho e, conseqüentemente, para se captar o uso da língua do mundo do trabalho, o que é essencial para se entender a lógica em que estão inseridos os carregadores. Segundo o autor, “(...) ao tratar essa questão, a reflexão recairá, necessariamente, em um debate sobre as condições de produção de saber, a partir de prospecções acerca das condições de produção simplesmente”.<sup>33</sup>

A linguagem como trabalho é realizada pelo sujeito para orientar o próprio trabalho e acontece no processo coletivo de produção que exige cooperação e diálogo porque faz parte da gestão do tempo do trabalho. A orientação da atividade laboral e a cooperação somente são oportunos se permitirem conciliar a saúde dos atores do trabalho e a eficácia no produto do trabalho.<sup>34</sup> “A linguagem como trabalho não é somente uma dimensão, dentre outras, do trabalho, mas ela própria se reveste de uma série de dimensões.”<sup>35</sup> Logo, todos os gestos, falas e sinais, que são feitos com o objetivo de realizar a ação, constituem parte do trabalho.

A linguagem no trabalho é a realidade constitutiva da situação de trabalho em que se desenvolve a atividade<sup>36</sup>. Os limites entre as recorrências da linguagem no e como trabalho são híbridos e representam também múltiplas dimensões para análise dessa linguagem onde se manifestam as relações, falas e emoções, evidenciando, inclusive, os aspectos históricos e sociais do ator e da realidade do trabalho. Assim, um trabalhador pode, na mesma situação, utilizar a linguagem no trabalho, enquanto outro estará utilizando a linguagem como trabalho.

Não há uma demarcação entre a linguagem como e no trabalho, mesmo quando se busca alcançar a linguagem sobre o trabalho.<sup>37</sup> Por sinal, essa última categoria é abarcada pelas falas do

<sup>33</sup> NOUROUDINE, Abdallah. *A linguagem*: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez; FAÏTA, Daniel (orgs.). **Linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002, p.18.

<sup>34</sup> NOUROUDINE, Abdallah. *A linguagem*, p.19.

<sup>35</sup> NOUROUDINE, Abdallah. *A linguagem*, p.21.

<sup>36</sup> NOUROUDINE, Abdallah. *A linguagem*, p.22.

<sup>37</sup> NOUROUDINE, Abdallah. *A linguagem*, p.17.



trabalho que são produzidas pelos próprios protagonistas da atividade: “(...) evoca-se o trabalho para comentá-lo ou avaliá-lo, para lembrá-lo, para se justificar, ou por mil razões surgidas no momento”.<sup>38</sup>

Os desafios de análise dessa triangulação são relevantes, principalmente devido à dificuldade que há para se identificar quando a linguagem assume as dimensões como, no ou sobre o trabalho ou mesmo quando se dá o entrelaçamento desses níveis. Essa verificação é essencial ao nos debruçarmos sobre as falas dos carregadores, já que auxilia na compreensão de como a atividade de trabalho se junta à comunicação para criar uma identidade profissional e pessoal.

### As mediações no mundo do trabalho

Nossa premissa básica é compreender a comunicação e o mundo do trabalho como uma ontologia do ser social. Essa visão nos remete à importância dos estudos de recepção, que põem foco específico nas pessoas que estão no mundo do trabalho, o qual “(...) vai se mostrando como mediação privilegiada para o estudo da recepção dos meios de comunicação, pois é nele, e a partir dele, que se constituem e se materializam as experiências vividas no cotidiano.”<sup>39</sup> É esse mundo do trabalho, que está atrelado às escolhas das pessoas, que serve para realizar as mediações. Disso decorre que a questão é ver como a comunicação entra em suas vidas e como elas compreendem o mundo.

(...) as pesquisas sobre comunicação e trabalho têm demonstrado como a comunicação contribui para destacar a centralidade da categoria trabalho na sociedade contemporânea. A maior proximidade entre comunicação e trabalho tem sido motivada, sobretudo, pelas mudanças produzidas pela introdução de novas tecnologias de informação e pela incorporação dos processos comunicativos na gestão de recursos humanos envolvidos na reestruturação produtiva.<sup>40</sup>

Nesse contexto, Jesús Martín-Barbero propõe entender a contemporaneidade pelos sentidos das transformações que temos enfrentado. É justamente a definição desse panorama que contribuirá, sobremaneira, para a estruturação de estudos de recepção na América Latina.

(...) a experiência do popular vinculada ao espaço da comunicação foi a protagonista da emergência dos estudos culturais no contexto latino-americano. Por essa razão, o objeto preferencial de estudo desta perspectiva se concentra no espaço do popular, das práticas da vida cotidiana, fortemente relacionado com as relações de poder e conotação política. Esta é uma das singularidades do processo latino-americano que se revela no acento do viés

<sup>38</sup> NOUROUDINE, Abdallah. *A linguagem*, p.25.

<sup>39</sup> FIGARO, Roseli. **Comunicação e trabalho** – Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita Garibaldi/Fapesp, 2001, p.159.

<sup>40</sup> FIGARO, Roseli. *Estudo de recepção e ergologia: novos desafios teórico-metodológicos*. **Revista Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, E-Compós, volume 12, número 3, 2009, p.1.



sociocultural. Disciplinarmente evidenciado no triângulo comunicação, sociologia e antropologia.<sup>41</sup>

Isso mostra que a comunicação é repensada a partir dos modos de viver e acontece por meio das mediações, que buscam o lugar, o contexto tanto do emissor quanto do receptor, ou seja, estamos falando das práticas culturais. São essas mediações que constituem os “(...) novos modos de interpelação dos sujeitos e de representação dos vínculos que unem a sociedade.”<sup>42</sup> A dimensão do popular e das práticas da vida cotidiana dialoga diretamente com os processos comunicacionais e os hábitos que permeiam o dia a dia do mundo do trabalho dos carregadores. Por isso a devida acuidade nossa ao observar, discorrer e interpretar o panorama que configura nosso objeto de estudo.

### Considerações finais

A comunicação, como sinônimo de troca de informações, contrapõe-se ao conceito de produção simbólica fruto da atividade humana, colocando-se, portanto, enquanto formadora de um psiquismo específico, que é o do ser humano. Ela “(...) mobiliza (...) diferentes saberes (...) com o objetivo de conhecer o processo comunicativo e os modos de produção dos suportes e dos conteúdos comunicacionais, bem como a conexão, a relação, a dependência e a influência que sofrem, exercem e compactuam com e na sociedade.”<sup>43</sup> No caso do homem, convém nos ater à seguinte postulação:

Ele é um ser que se faz no dia a dia, no trabalho que realiza, que prova e mostra ser capaz de construir. Não no sentido redutor da prática, desconectada e alienante. Mas, no sentido da práxis, ou seja, a partir de sua atividade concreta diária a realidade se abre para ele. Ele age sobre ela, numa relação mútua de construção e conhecimento. O conhecimento está, portanto, diretamente vinculado ao operar, ao fazer.<sup>44</sup>

Justamente por situar de maneira ampla o trabalho, que está relacionado à atividade humana, é que entra em ação a ergologia, que vai permitir a compreensão da presença da dimensão das escolhas e dos valores na atividade de trabalho. Portanto, nesse contexto, trabalhar é “(...) gerir um conjunto de fatores presentes em um determinado momento e espaço, em benefício de um objeto a

<sup>41</sup> ESCOTESGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos Estudos Culturais** – Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.55.

<sup>42</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofícios de cartógrafo** – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p.225.

<sup>43</sup> FIGARO, Roseli. *Comunicação e trabalho*: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção. **Mediaciones Sociales** – Revista de Ciencias Sociales y de La Comunicación. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, número 4, primeiro semestre de 2009, p.24.

<sup>44</sup> FIGARO, Roseli. **Comunicação e trabalho**, p.177.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

construir.”<sup>45</sup> Em relação ao carregador, podemos dizer que ele se coloca, por inteiro, em sua ocupação laboral.

Ele põe em movimento a energia de seu corpo, seus sentidos, sua experiência física e intelectual – o corpo em relação ao meio, aos instrumentos e técnicas. Ele também aciona suas relações com o meio social, seus parceiros de trabalho, os colegas, os chefes e superiores. Convoca também as relações com seu grupo social: a família, o bairro, sua história de vida.”<sup>46</sup>

Não devemos nos esquecer das contradições inerentes a toda atividade de trabalho. Isso é próprio da vida e potencializado pelo conflito existente entre as diferenças socioeconômicas, além da apropriação mercantil do trabalho, a exploração típica do capital e a desvalorização do próprio cerne do trabalho. A análise do discurso e as mediações estabelecidas por esses profissionais também são fundamentais para embasarmos com maior exatidão o contexto em que ocorre a imbricação entre a comunicação e esse mundo do trabalho tão peculiar.

Esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para uma melhora real das condições da atividade dos carregadores. Em que pese o papel do Sindicar, que consegue agregar a grande maioria dos trabalhadores, o cotidiano de trabalho árduo, braçal e aparentemente autômato lhes impõe uma tessitura social que os deixa amarrados ainda a condições precarizadas.

Para tanto, consideramos fundamental que os resultados advindos desse estudo, e mesmo as dúvidas que forem suscitadas, sejam devidamente apropriados pelos carregadores como forma de reforçar a importância de sua atividade de trabalho e de garantia para melhorias que se fazem prementes em seu cotidiano profissional e pessoal. É por isso que trabalhamos e é nisso que acreditamos: uma pesquisa que se pautar por proporcionar elementos que possam contribuir, de alguma forma, ao bem-estar coletivo e profissional desses trabalhadores.

## Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho** – Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV, Valentin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso**. São Paulo: Ática, 1995.

<sup>45</sup> FIGARO, Roseli. *Comunicação e trabalho*, p. 36.

<sup>46</sup> FIGARO, Roseli. *Comunicação e trabalho*, p.35.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

BOURDIEU, Pierre. *Compreender*. In: BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

**CEAGESP presta homenagem aos carregadores**. Disponível em [www.ceagesp.gov.br](http://www.ceagesp.gov.br). Acesso em 5/2/2018.

**Diário Oficial do Estado de São Paulo**, edição do dia 18/10/2017.

ESCOTESGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos Estudos Culturais** – Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FIGARO, Roseli. **Comunicação e trabalho** – Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita Garibaldi/Fapesp, 2001.

\_\_\_\_\_. *Comunicação e trabalho*: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção. **Mediaciones Sociales** – Revista de Ciencias Sociales y de La Comunicación. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, número 4, primeiro semestre de 2009.

\_\_\_\_\_. *Estudo de recepção e ergologia*: novos desafios teórico-metodológicos. **Revista Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, E-Compós, volume 12, número 3, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

ISER, Fabiana. *Pesquisa exploratória*: a relevância da aproximação empírica para as definições da pesquisa. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação** – Olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofícios de cartógrafo** – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

NOUROUDINE, Abdallah. *A linguagem*: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez; FAÏTA, Daniel (orgs.). **Linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002.

POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa** – Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

**Revista Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, volume 4, número 2, 2006.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. **Trabalho e ergologia** – Conversas sobre a atividade humana. Rio de Janeiro: Eduff, 2008.